

FHC defende livre mercado e arte de negociar em reunião

Leonardo Souza
do Rio

O presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu ontem, no Rio, a necessidade de negociações, "nem sempre nos moldes que se gostaria", para aprovar reformas no Congresso Nacional, "quando se tem em vista apenas o interesse público". Disse ainda que "muitas vezes interesses político-partidários ferem a necessidade de rapidez e mesmo a expectativa de que tudo se processe num ambiente de maior assepsia".

Fernando Henrique citou o político italiano Nicolau Maquiavel para explicar a reação das pessoas diante das reformas do Estado. Atribuiu a ele o pensamento de que "no momento das reformas, o político deve ser cuidadoso, porque os que se beneficiarão das conquistas não têm consciência do que está sendo feito, enquanto os que começam a perder o sabem de imediato".

De acordo com o presidente, negociações nem sempre podem ser feitas nos moldes que se gostaria

O presidente abriu a 16ª Reunião do InterAction Council, que congrega ex-chefes de Estado de vários países, realizada no Hotel Glória. Em seu discurso, disse que o governo vem obtendo avanços significativos com a aprovação das reformas no Congresso e mostrou confiança em relação à aprovação da reforma da Previdência. "Estamos à espera de alguns votos no Congresso para darmos passo fundamental nessa direção."

Para Fernando Henrique, o livre mercado talvez seja o melhor mecanismo imaginado pelo homem para estimular a eficiência na produção de riquezas, mas desde que monitorado pelo Estado, já que o mercado não é capaz de oferecer soluções em áreas onde valores éticos são necessários.

O presidente citou a criação das agências reguladoras para os merca-

dos em recente privatização ou abertura à iniciativa privada (Agência Nacional do Petróleo, Agência Nacional de Energia Elétrica e Agência Nacional de Telecomunicações) como a saída para a liberalização da economia vigiada pelo Estado para garantir interesses da sociedade.

Para o presidente, nos países em desenvolvimento, sem a adoção dessas medidas para regular o mercado seria difícil manter uma política de busca por igualdade social. "Não são apenas os interesses das elites que são feridos, mas também os das classes acomodadas com a política anterior, inclusive as camadas médias."

O ex-primeiro ministro da Austrália, Malcolm Fraser, presidente do InterAction Council, criticou a atuação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do programa de ajuda às economias do Sudeste Asiático. "Não basta que o FMI atue após a ocorrência dos fatos (...). Se tivesse o conhecimento que alega ter dos assuntos de nossos países, perceberia indícios de dificuldade ou perigo econômico."

Criado em 1983, o InterAction Council congrega ex-chefes de Estado que se reúnem para debater e desenvolver estratégias para a solução de problemas econômicos, políticos e sociais, em esfera mundial. Na primeira realizada na América do Sul, a moeda europeia (o Euro), a crise asiática, problemas e perspectivas da América Latina e a disseminação da Declaração Universal das Responsabilidades Humanas serão os assuntos debatidos. Participam do evento, que termina amanhã, os ex-presidentes José Sarney, que preside a Reunião, Raul Alfonsín (Argentina), Mário Soares (Portugal), Valéry Giscard d'Estaing (França), entre outros.